



O extraordinário ordinário na Antropologia de

4 Gregory Bateson comparado ao anormal normal em uma “psiquiatria” espontânea¹.

Nilton Aguilar de Costa²

1 Artigo escrito em maio de 2011 para conclusão de módulo temático no Programa de Ensino Tutorial de Sociologia do departamento de Sociologia da Universidade de Brasília.

2 Graduado em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília.

RESUMO *Este trabalho constitui uma reflexão a respeito do “social” nas Ciências Sociais a partir da comparação um par de conceitos, quais sejam, o “extraordinário” e o “anormal”. Este é extraído do contexto de uma pesquisa de campo sobre de famílias de mulheres sob tratamento psicopatológico. Aquele é examinado tal como aparece na obra Naven de Gregory Bateson. Tal exercício objetiva ilustrar o pensamento de Bateson sobre o “social”, na medida em que ele se diferencia de algumas tradições das Ciências Sociais ao pensar o ordinário e o extraordinário como chaves interpretativas. Tanto o anormal quanto o normal no contexto de pesquisa analisado, quanto o ordinário e o extraordinário na antropologia de Bateson parecem produzir realidades não somente nas categorias que englobam, mas em sua própria diferença.*

PALAVRAS-CHAVE *Naven, anormal, extraordinário, psiquiatria, cismogênese.*

ABSTRACT *This work consists in a reflection about the “social” in Social Sciences based on the comparison between a pair of concepts, viz. the “extraordinary” and “abnormal”. The latter was extracted from the context of a field research about families of women under psychopathological treatment. The former was examined as it appears in Gregory Bateson’s Naven. This exercise aims to illustrate the Bateson’s thought on the “social”, to the extent that it differs from how some traditions of Social Sciences think the ordinary and the extraordinary as interpretive keys. Both the abnormal and the normal in the analyzed context of research, as well as the ordinary and the extraordinary in Bateson’s anthropology seem to produce realities not only in categories that they encompass, but also in their very difference.*

KEY WORDS *Naven, abnormal, extraordinary, psychiatry, schismogenesis.*

3 O uso termo “antropologia”, bem como “antropologia clássica” e mesmo “funcionalismo” é neste texto generalista e se referencia, sobretudo, nos exemplares do “cânone antropológico” publicados do século XIX até meados do século XX hoje agrupados nas escolas funcional-estruturalista, funcionalista e estruturalista e que são tipicamente estudados nos cursos introdutórios no Brasil.

Neste artigo, proponho uma discussão a respeito do social na antropologia. Por “social” entendo a plataforma de qualquer estudo antropológico, a qual, não obstante seja destituída de características globalmente consensuais, existe como uma ferramenta teórico-metodológica necessária. É pressuposto dos estudos antropológicos que seu objeto por excelência, os seres humanos, vivem em sociedade e nela pressupõe-se algum grau de integração, coesão e normas. O “social” é, portanto, um ponto de partida que, malgrado seja abordado e teorizado de variadas maneiras por diferentes autores de tradições diversas, tem sua noção fundamentalmente onipresente e irrenunciável nos estudos antropológicos. O ponto de análise que pauta esta discussão gira em torno de um par de conceitos percebidos como predicativos recorrentes do social assim entendido: o ordinário e o extraordinário. A bibliografia que a referencia centraliza-se em Naven, de Gregory Bateson, cuja escolha deve-se ao fato de que sua leitura provocou minha reflexão sobre o tema.

Os conceitos que ponho em discussão (ordinário e extraordinário) não se relacionam à elaboração de algum autor ou autora específica, mas dizem respeito a como percebo que eles são entendidos no senso comum acadêmico da antropologia³, ou por como

pessoas familiarizadas com as ideias de tal disciplina podem etiquetar suas questões com esses conceitos. No ângulo interessante à discussão aqui proposta, mais produtivo do que tentar conceituar o ordinário e o extraordinário é relacioná-los a uma questão que me surgiu em um trabalho de campo que precedeu a leitura de Bateson na cronologia dos eventos que me levaram a pensar o tema: uma questão a respeito das noções de normal e anormal na psicopatologia. Reconhecendo a dificuldade produzida pela indefinição substantiva daqueles conceitos – conceitos os quais, de fato, constituem o “problema metodológico” com que se preocupa este artigo –, sempre que conveniente eles serão esclarecidos recorrendo aos exemplos do caso (da pesquisa de campo).

Alguns detalhamentos, no entanto, demandam um momento particular. Ao falar sobre o ordinário e o extraordinário no que tange ao social “para a” antropologia, não penso o extraordinário como algo que foge à “lógica” do social, caracterizando aquilo que acontece em sociedade, mas que é “antissocial”, impassível de uma explicação socioantropológica. Ora, o extraordinário é tema de ouro para antropologia, cujo estudo produz um efeito distintivo em sua literatura quando suas autoras e autores propõem-se a encontrar nas coisas aparentemente mais



esdrúxulas uma rica e coerente estrutura simbólica da qual são elaboradas explicações que alcançam diversos conteúdos da cultura. Os rituais – sobretudo aqueles percebidos como mais “exóticos”, em cujos agentes aparentam fugir à realidade cotidiana (“surtar”) – ilustram algumas das mais lidas páginas da antropologia canônica para os quais seus teorizadores buscaram explicações estabelecidas na noção de social. Não insinuo, portanto, que a antropologia relega ao que foge ao ordinário/cotidiano, ao domínio do todo-o-dia das sociedades, algo de “menos social”, caótico em essência e impossível de se explicar. Pelo contrário, minha desconfiança é justamente que na seara em questão os eventos extraordinários parecem ser tão “razoáveis” dentro da ideia de social, que acabam por serem extraordinários não apenas por sua característica de serem eventuais, ausentes do cotidiano, mas por serem, em seu excesso e exceção, apreendidos como o momento social “por excelência”.

Por outro lado, a maneira como Bateson descreve o Naven, e, sobretudo, como o aborda metodologicamente distingue-se daquelas. O ritual que dá nome à obra “falha” em ser distintamente extraordinário. Bateson parece borrar a fronteira existente no cânone antropológico entre o extraordinário e

o ordinário. Mas não a fronteira que distingue seu conteúdo semântico, mas sim sua sintaxe. Na abordagem de Bateson, o distinto ritual do Naven parece não ocupar o mesmo lugar de “excelência” enquanto evento extraordinário no social.

O mesmo também me pareceu acontecer com o “surto psicótico” em pesquisa que fiz sobre os significados da loucura feminina entre pessoas que cuidam de pacientes diagnosticadas com psicopatologia em casa. Durante o tempo em que estive em campo, a maneira como algumas mães com quem conversei falaram sobre a questão do surto e da loucura me chamaram muita atenção. A loucura, ainda que possua um uso metafórico muito abrangente e “ser louco” possa significar as mais variadas coisas (ainda que todas aparentem se relacionar ao excesso do ordinário), tem um significado que por excelência separa a quem acomete do ordinário. No terreno da psicopatologia não parece haver um meio-termo que borre essas fronteiras: é-se louco ou normal. Em meu estudo, porém, no cotidiano das pessoas que “convivem com a loucura de perto” assim como há um grau de ordinário no comportamento das loucas, parece haver algo de loucura no cotidiano. E não falo aqui da máxima “de médico e louco cada um tem um pouco”, ou dos adjetivos

4 Não me proponho, no entanto, em traçar comparações epistemológicas entre os campos da antropologia e a psiquiatria. A psiquiatria como apareceu a mim em minha pesquisa de campo surge, neste artigo, como uma referência a partir da qual posso elaborar a questão principal do texto de maneira mais, por assim dizer, didática.

5 Conforme comentei na nota de número 2, ao longo do trabalho me refiro à “antropologia” como um coletivo da literatura antropológica canônica lida em cursos de graduação brasileiros. Neste ponto, no entanto, o exemplo que tenho em mente de maneira mais ostensiva é a literatura funcionalista clássica do ritual tradicionalmente lida no Brasil.

autoatribuídos por aqueles que dizem estarem enlouquecendo, ou estarem loucos por algo, ou que ainda poderiam cometer uma loucura. Falo do surto psicótico, da alucinação e da atitude incoerente que é extraordinária por acometer pessoas que não são pensadas como psicóticas, e que não foram, até o momento, assim nomeadas pela autoridade psiquiátrica.

Feitas as breves considerações sobre o extraordinário e ordinário em *Naven* e a normalidade e a loucura (anormalidade) em meu contexto de pesquisa empírica, inicio a discussão proposta traçando uma comparação⁴ entre a antropologia⁵ e a psiquiatria como esta apareceu em meu trabalho de campo (ou seja, como fonte de conhecimento apropriado pelas minhas interlocutoras e como agente que define suas filhas como psicóticas e, por outro lado, minhas interlocutoras como pessoas normais), em sua maneira semelhante de abordar o ordinário e o extraordinário como coisas com qualidades e estruturas distintas e que passam de uma ou outra por “saltos”. Avançando a questão, levanto uma reflexão sobre como essas distinções tão bem asseguradas de um lado e de outro (em um deles com a certeza de que “é-se normal e torna-se louco” e do outro com a abordagem do evento enquanto extraordinário por distinguir-se em seus significados e características

do cotidiano/ordinário) são abarcadas pela noção de social.

Se para a antropologia nada em sociedade é “antissocial”, e os conceitos de ordinário e extraordinário se distinguem (metodologicamente) fundamentalmente por uma questão de fazerem ou não parte do cotidiano/ordinário, para a psiquiatria os sintomas da loucura se distinguem, fundamentalmente, por sua diferença em relação à normalidade que se refere no social. As moléstias mentais listadas nos cadernos psiquiátricos são (se não em sua totalidade), sobretudo, psicossomáticas. Possuem efeitos orgânicos, algumas possuem origens orgânicas e é no organismo que se faz a intervenção, mas a psiquiatria contemporânea não nega a relevância social das psicoses, não só na origem de algumas delas, mas em seus sintomas. A psiquiatria tem como problema tratar sintomas de prejuízo social do paciente. Portanto, para esta ciência, as dimensões com que trabalha (de patologia e salubridade) não escapam do social para o orgânico, no entanto opera por saltos: do normal ao anormal. Em resumo, a psiquiatria da forma como apareceu em minha pesquisa de campo é a instância que define quando as relações de integração e compreensão das normas de determinada pessoa deixa de ser normal e



passa a ser anormal, no domínio do social. Algo parecido, porém inverso, acontece na abordagem (de teor) funcionalista clássica dos rituais. Os eventos extraordinários parecem ultrapassar o ordinário na medida em que são extraordinários justamente por distinguirem-se das relações cotidianas. Se por um lado temos o anormal essencialmente social, mas em certa medida prejudicial a este, do outro temos o extraordinário como o “clímax” do social, que, a depender da abordagem antropológica empregada, lhe é necessário, produz seu funcionamento, ou lhe representa.

Feita esta primeira comparação, comparo agora a obra de Bateson com a elaboração de uma de minhas interlocutoras somada a uma experiência pessoal. Certa vez ela me sugeriu que temia ser diagnosticada como louca porque às vezes se pegava dizendo coisas sem sentido e com sensações que não conseguia explicar, embora não se sentisse doente como sua filha, mas ainda uma pessoa “normal” (seus “surto” não prejudicavam sua vida cotidiana). Não apenas para instigá-la a dizer mais, mas com muita sinceridade, falei que sentia coisas parecidas, que às vezes soltava frases aleatórias e sem sentido, achava que ouvia coisas e tinha vontades sem explicação. Ficamos os dois muito cons-

trangidos, e tentamos amenizar a discussão fazendo graça do assunto e logo desconversando. Malgrado o constrangimento parecia a nós que esses eventos não nos furtavam a normalidade, não obstante não fossem eles características de pessoas normais. Não deixei, no entanto, de questionar o estatuto de minha própria normalidade. Por longa data e desde pequeno frequentei, talvez apenas por ser uma criança de classe média com “problemas sociais”, consultórios de psicologia, mas raramente passei pelos de psiquiatria. A psiquiatria apareceu para mim como um tratamento acessório ao psicológico, como uma maneira de facilitar o sucesso dos resultados esperados por aquelas/es profissionais. Após o evento em questão relatei à minha psicóloga meus “surto” e ela, já acostumada com minha figura que sugeria problemas sociais, mas não propriamente psiquiátricos, tentou fazer qualquer relação dos significados das coisas aleatórias que me pegava dizendo com os fatos árduos da minha vida (a psicóloga aqui até mesmo lembra a/o antropóloga/o ao enxergar no evento anormal alguma essência explicativa do cotidiano). O surto apareceu naquele momento como algo interessante para explicar alguma coisa, mas de maneira alguma me colocou na condição de louco. Pergunto-me, porém, por quanto tempo isso



teria que se repetir, ou o quanto teria que atrapalhar minha vida para que eu subitamente me tornasse louco e finalmente atravessasse a normalidade para o diagnóstico da anomalia.

A maneira como Bateson trabalha os eventos extraordinários do Naven se assemelha à psiquiatria espontânea que de certa maneira elaboramos eu e minha interlocutora. Pois nesta “ciência” não logramos identificar uma fronteira que separasse a normalidade da anomalia. Ambas coexistiam em nosso social, sem que o evento anormal alterasse nossa normalidade pela patologia. Ambos os pares opostos não se anulavam e existiam num continuum e, em “interação” (“reação”), produziam efeitos em nossa realidade e comportamento. O conceito de cismogênese, operado por Bateson, baseia-se fundamentalmente no fato de que contradições (duplo-vínculos, *double binds*) são criativas. Disse ele que “a cismogênese é um processo de diferenciação nas normas de comportamento individual resultante da interação cumulativa entre indivíduos” (2006, p. 219). Um sistema de cismogênese “funciona”, é “estruturado”, mas não é funcional nem se encontra em perfeito balanço.

A interação cumulativa de que Bateson se ocupa – a qual poderia ser ilustrada pela imagem de um

sistema de “círculos viciosos” cujas partes tocam-se e produzem mudanças no todo sem, no entanto haja uma interação coerente e previsível entre os mesmos, sem que sejam “engrenagens” da sociedade – o distancia da abordagem clássica (funcionalista) do ritual, para qual tradicionalmente aquele é um momento de interação extraordinário, não somente no sentido de se destacar no cotidiano da sociedade, mas de possuir em si uma função ou representação extraordinária na/da estrutura social. Na antropologia de Bateson e na “psiquiatria espontânea” o extraordinário/ordinário e o normal/anormal são componentes (entre outros) da interação cumulativa que produzem efeitos de diferenciação em comportamentos e interações subsequentes.

Referências

BATESON, Gregory. *Naven*: Um esboço dos problemas sugeridos por um retrato compósito, realizado a partir de três perspectivas, da cultura de uma tribo na Nova Guiné. São Paulo: EdUSP, 2006.